

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn

UMA

DAMA

FORA DOS
PADRÕES

1

OS ROKESBYS

ARQUEIRO

AS DEZ MAIORES RAZÕES PARA LER ESTE LIVRO

1. Julia Quinn finalmente trouxe de volta a família mais amada dos romances de época.
2. Onde mais você encontraria uma referência tão estimulante à arqueria?
3. O ROMANCE.
4. Você quer ver um homem construir um castelo de cartas usando uma mão só.
5. Na batalha entre herói, heroína e gato, o gato vence.
6. Está repleto de RESPOSTAS ESPIRITUOSAS.
7. Você acha que o croquet deve ser um esporte e tanto.
8. George Rokesby é tão sexy que deveria estrelar a própria minissérie na TV.
9. AQUELE BEIJO.
10. A Srta. Bridgerton.

CAPÍTULO 1

*Telhado de uma casa de fazenda abandonada
a meio caminho entre Aubrey Hall e Crake House*

Kent, Inglaterra

1779

Não é que Billie Bridgerton não tivesse bom senso. Pelo contrário, ela estava certa de que era uma das pessoas mais sensatas que conhecia. Mas, como qualquer indivíduo ponderado, às vezes decidia ignorar a pequena voz da razão que sussurrava em sua cabeça. Isso não podia ser considerado imprudência, tinha certeza. Quando ignorava essa voz de advertência, fazia isso conscientemente, após uma cuidadosa análise da situação. E é preciso dizer que, quando tomava uma decisão – uma que a maioria das pessoas julgaria tola –, Billie geralmente tinha a sorte de ser a correta.

A não ser quando não era.

Como naquele exato momento.

Ela olhou para seu acompanhante.

– Eu devia estrangular você.

O acompanhante deixou escapar um miado bastante despreocupado.

Billie soltou um grunhido nada condizente a uma dama.

O gato avaliou o ruído, julgou que o barulho não era digno de sua atenção e começou a lamber as patas.

Billie considerou os padrões de dignidade e decoro, concluiu que ambos eram supervalorizados e rebateu franzindo a sobrelanceira com imaturidade.

Não se sentiu nem um pouco melhor.

Com um gemido cansado, ela olhou para o céu, tentando calcular as horas. O sol estava bem escondido por trás de uma camada de nuvens, o que complicou sua tarefa, mas deviam ser no mínimo quatro da tarde. Acreditava estar presa ali havia uma hora, e tinha deixado o vilarejo às duas. Se considerasse o tempo que levava caminhando...

Ah, mas que diabo, que importância tinha a hora? Isso não a tiraria daquele maldito telhado.

– É tudo culpa sua – disse ao gato.

Previsivelmente, o animal a ignorou.

– Não sei o que você acha que estava fazendo naquela árvore – continuou ela. – Qualquer tolo saberia que você não conseguiria descer.

Qualquer tolo teria deixado o gato lá em cima, mas não. Billie ouvira o miado e já estava a meio caminho do topo da árvore quando lhe ocorreu que nem sequer *gostava* de gatos.

– E eu *realmente* não gosto de você – completou ela.

Ela estava falando com um gato. Fora rebaixada a *isso*. Mudou de posição, estremeando quando sua meia prendeu em uma das telhas desgastadas pela ação do clima. O rasgo puxou seu pé de lado, e seu tornozelo que já latejava uivou em protesto.

Ou melhor, ela uivou. Não pôde evitar. Doía *muito*.

Pensou que poderia ter sido pior. Ela já estava bem no alto da árvore, uns bons dois metros e meio acima do telhado da casa, quando o gato se arreprou todo, chiou e estendeu a pata com as garras para fora, fazendo-os cair.

É desnecessário dizer que o gato tombou com graça acrobática, aterrissando sem nenhum ferimento, as quatro patas no telhado.

Billie ainda não sabia bem como *ela* aterrissara, só que o cotovelo doía, que sentia uma fisgada no quadril e que seu casaco estava rasgado, provavelmente em razão do galho que aliviara sua queda a dois terços do fim do caminho.

Mas o pior eram seu tornozelo e o pé, que a estavam matando. Se estivesse em casa, ficaria com os dois para cima, apoiados em travesseiros. Já testemunhara vários casos de tornozelos torcidos – os próprios, e ainda mais vezes os de outras pessoas – e sabia o que fazer. Compressa fria, elevação, um irmão sendo forçado a ajudá-la com tudo...

Onde estavam seus criados quando precisava deles?

Mas então vislumbrou um movimento ao longe e, a menos que os animais locais tivessem recentemente se tornado bípedes, o que via era claramente um ser humano.

– Oláááá! – chamou ela, então pensou melhor e gritou: – Socorro!

A menos que a visão de Billie estivesse lhe pregando uma peça – e não estava, não mesmo; até sua melhor amiga, Mary Rokesby, admitia que a

visão de Billie Bridgerton não era menos que perfeita –, o humano à distância era homem. E nenhum homem que ela conhecia poderia ignorar um pedido feminino de socorro.

– Socorro! – gritou de novo, sentindo-se aliviada quando o homem parou.

Não tinha como saber se ele virara em sua direção – sua visão perfeita tinha limites –, então gritou novamente, dessa vez o mais alto que pôde, e quase chorou de alívio quando o cavalheiro – ah, *por favor*, que fosse um cavalheiro, se não por nascimento, então pelo menos por natureza – começou a se mover em sua direção.

Só que não chorou. Porque ela nunca chorava. Nunca seria esse tipo de mulher.

No entanto, respirou fundo de maneira inesperada e... surpreendentemente alta e aguda.

– Aqui! – chamou ela, tirando o casaco para poder agita-lo ar.

Não adiantava tentar parecer digna. Afinal, estava presa em um telhado com um tornozelo torcido e um gato sarnento.

– Senhor! – praticamente berrou ela. – Socorro! Por favor!

O cavalheiro parou por um instante ao ouvir o barulho e olhou para cima. E mesmo que ainda estivesse longe demais para que a visão perfeita de Billie pudesse identificar seu rosto, ela já *sabia*.

Não. Não. *Não*. Qualquer um menos ele.

Mas é claro que era ele. Porque quem mais passaria por ali no pior momento dela, no mais estranho e embaraçoso, na única maldita hora em que ela precisava ser resgatada?

– Boa tarde, George – disse ela, quando ele se aproximou o suficiente para ouvir.

Ele colocou as mãos nos quadris e estreitou os olhos em direção a ela.

– Billie Bridgerton.

Ela esperou que ele acrescentasse: “Eu já devia saber.”

Mas ele não disse mais nada, e de alguma forma isso a deixou ainda mais irritada. O mundo não estava em perfeito equilíbrio quando ela não conseguia prever todas as palavras afetadas e pomposas que saíam da boca de George Rokesby.

– Tomando um pouco de sol? – perguntou ele.

– Sim, pensei que seria ótimo arrumar mais algumas sardas.

Ele não rebateu de imediato. Em vez disso, tirou o chapéu de três pontas,

deixando à mostra o espesso cabelo castanho-avermelhado, sem nenhum pó, e a encarou com um olhar firme, de quem a avaliava. Finalmente, depois de colocar com cuidado o chapéu no que um dia fora um muro de pedra, olhou de volta para ela e falou:

– Não posso dizer que não estou gostando disso. Só um pouquinho.

A língua de Billie coçava com várias respostas, mas ela procurou se lembrar de que George Rokesby era o único ser humano à vista e, se quisesse colocar os pés no chão antes do dia primeiro de maio, teria de ser gentil com ele.

Pelo menos até que a resgatasse.

– Como você foi parar aí em cima, afinal? – perguntou ele.

– Um gato – respondeu Billie, com um tom que, por benevolência, poderia ser descrito como *fervilhante*.

– Ah.

– Ele estava na árvore – acrescentou ela, sabe-se lá Deus por quê.

George não tinha pedido nenhuma explicação adicional.

– Entendo.

Entendia mesmo? Ela achava que não.

– Ele estava chorando – grunhiu ela. – Eu não podia simplesmente ignorar.

– Não, tenho certeza de que não – rebateu ele, e, ainda que sua voz soasse perfeitamente cordial, ela estava convencida de que ria dela.

– Algumas pessoas – disse Billie, abrindo a boca apenas o suficiente para falar – são compassivas e atenciosas.

Ele inclinou a cabeça.

– E gentis com crianças pequenas e animais?

– Sim.

Ele ergueu a sobrancelha direita daquela maneira extremamente irritante dos Rokesbys.

– Algumas pessoas – falou ele lentamente – são gentis com animais e crianças *grandes*.

Ela mordeu a língua. Primeiro no sentido figurado, depois no literal. *Seja gentil*, lembrou a si mesma. *Ainda que isso esteja lhe matando...*

Ele abriu um sorriso afável. Bem, a não ser por aquela breve repuxada no canto da boca.

– Você vai me ajudar a descer deste maldito telhado? – despejou finalmente.

– Que linguajar... – repreendeu ele.

– Aprendi com *seus* irmãos.

– Ah, eu sei – disse ele. – Nunca consegui convencê-los de que você era, de fato, uma menina.

Billie sentou-se nas próprias mãos. Sentou-se *mesmo*, para tentar conter o impulso de se jogar do telhado e estrangulá-lo.

– Nunca consegui *me* convencer de que você era, de fato, humana – acrescentou George, casualmente.

Os dedos de Billie se enrijeceram como garras. O que foi *muito* desconfortável, levando-se tudo em conta.

– *George* – falou ela, e pôde ouvir mil coisas diferentes em seu tom: súplica, dor, resignação, lembrança.

Os dois tinham uma história e, independentemente de suas diferenças, ele era um Rokesby e ela era uma Bridgerton, e um dia talvez acabassem sendo da mesma família.

Suas residências – Crake House, dos Rokesbys, e Aubrey Hall, dos Bridgertons – ficavam a apenas cinco quilômetros de distância uma da outra, naquele recanto verde e acolhedor de Kent. Os Bridgertons estavam lá havia mais tempo – tinham chegado no início dos anos 1500, quando James Bridgerton se tornara visconde e recebera terras de Henrique VIII –, mas os Rokesbys os ultrapassaram em títulos desde 1672.

Um barão Rokesby bastante empreendedor (conta a história) realizou um serviço essencial para Carlos II e, em agradecimento, foi condecorado primeiro conde de Manston. Os detalhes em torno dessa elevação de posição tornaram-se nebulosos ao longo do tempo, mas acredita-se que ela tenha envolvido uma diligência, uma peça de seda turca e duas amantes reais.

Billie podia muito bem acreditar. Charme era algo que se herdava, não era? George Rokesby era exatamente o tipo conservador e retrógrado que se esperaria do herdeiro de um condado, mas Andrew, seu irmão mais novo, possuía o *joie de vivre* malicioso que o teria feito cair nas graças de um notável galanteador como Carlos II. Os outros irmãos Rokesbys não eram tão farristas (embora Billie supusesse que Nicholas, com apenas 14 anos, já estivesse aperfeiçoando suas habilidades), mas facilmente superavam George em qualquer disputa que envolvesse charme e amabilidade.

George. Eles nunca tinham se gostado. Mas Billie achava que não deveria reclamar. George era o único Rokesby disponível no momento. Edward

estava nas colônias, empunhando uma espada, uma pistola ou sabe lá Deus o quê, e Nicholas estava em Eton, provavelmente também empunhando uma espada ou uma pistola (embora, com sorte, com um efeito consideravelmente menor). Andrew estaria ali em Kent por algumas semanas, mas tinha fraturado o braço em um ato de bravura em missão pela Marinha. Dificilmente poderia ter ajudado.

Não, teria de ser George, e ela precisaria agir de modo civilizado.

Sorriu para ele. Bem, esticou os lábios.

Ele suspirou. Ligeiramente.

– Vou ver se há uma escada lá atrás.

– Obrigada – disse ela, formalmente, mas achou que George não tivesse escutado.

Ele sempre tivera um passo ligeiro, dadas suas pernas compridas, e tinha desaparecido de vista antes mesmo que ela pudesse ser educada como se deve.

Cerca de um minuto depois, George reapareceu, com uma escada que parecia ter sido usada pela última vez durante a Revolução Gloriosa.

– O que de fato aconteceu? – perguntou ele, posicionando a escada. – Você não é do tipo que costuma ficar presa.

Era o mais perto de um elogio que já ouvira dele.

– O gato não ficou tão grato pela minha ajuda como seria de se esperar – disse ela, cada palavra soando como um altivo furador de gelo dirigido ao terrível felino.

A escada encaixou na posição correta com um barulho surdo, e Billie ouviu George subir.

– Isso vai aguentar? – perguntou ela.

A madeira parecia meio lascada e emitia rangidos sinistros a cada passo.

Os ruídos pararam por um instante.

– Não importa se vai aguentar ou não, não é?

Billie engoliu em seco. Talvez outra pessoa não compreendesse as palavras de George, mas ela conhecia aquele homem desde sempre, e, se havia uma verdade fundamental sobre George Rokesby, era que se tratava de um cavalheiro. E ele nunca deixaria uma dama em perigo, por mais frágil que uma escada parecesse.

Ela estava em apuros, portanto ele não tinha escolha. Precisava ajudá-la, por mais irritante que a achasse.

E ele achava. Ah, ela sabia que achava. George nunca fizera qualquer esforço para disfarçar isso. Embora, para ser sincera, nem ela.

A cabeça dele apareceu, e seus olhos azuis típico dos Rokesbys se estreitaram. Todos eles tinham olhos azuis. Absolutamente todos.

– Você está usando calça – disse George com um suspiro pesado. – É claro que está usando calça.

– Eu não tentaria subir em uma árvore de vestido.

– Não – rebateu ele secamente –, você é muito sensata para isso.

Billie decidiu deixar o comentário passar.

– Ele me arranhou – explicou ela, inclinando a cabeça em direção ao gato.

– É mesmo?

– Nós caímos.

George olhou para cima.

– É uma altura e tanto.

Billie seguiu o olhar de George. O galho mais próximo ficava a um metro e meio, e ela não estava no galho mais próximo.

– Machuquei meu tornozelo – admitiu ela.

– Eu imagino.

Ela olhou para ele, em dúvida.

– Caso contrário você teria simplesmente saltado para o chão.

A boca de Billie se contraiu enquanto olhava para além de George, em direção à terra compactada que cercava as ruínas da casa de fazenda. Em algum tempo, a construção devia ter pertencido a um fazendeiro próspero, pois tinha dois andares.

– Não – disse ela, avaliando a distância. – É muito alto.

– Até mesmo para você?

– Não sou idiota, George.

Ele não concordou com ela tão rápido quanto deveria. O que queria dizer que, no fim das contas, não concordava.

– Muito bem – foi o que ele enfim disse. – Vamos tirá-la daí.

Ela inspirou. Depois expirou. Então falou:

– Obrigada.

Ele olhou para ela com uma expressão estranha. Descrença, talvez, por ela ter dito aquela palavra?

– Em breve vai escurecer – comentou ela, franzindo o nariz enquanto

olhava para o céu. – Teria sido péssimo ficar presa... – E então pigarreou antes de repetir: – Obrigada.

George recebeu o agradecimento assentindo muito brevemente.

– Consegue usar a escada?

– Acho que sim.

Doeria muitíssimo, mas ela conseguiria.

– Posso carregá-la.

– Na escada?

– Nas minhas costas.

– *Não vou* subir nas suas costas.

– Não é onde eu gostaria de tê-la – murmurou ele.

Billie levantou bruscamente a cabeça.

– Certo, muito bem – disse ele.

George subiu mais dois degraus. A beirada do telhado estava agora na altura dos seus quadris.

– Consegue se levantar?

Ela olhou fixamente para ele sem dizer nada.

– Gostaria de ver quanto peso consegue colocar nesse tornozelo – explicou ele.

– Ah – murmurou ela. – É claro.

Ela não deveria ter tentado. O telhado era tão inclinado que ela precisaria dos dois pés para se equilibrar, e o direito estava praticamente inútil naquele momento. Mas Billie tentou, porque odiava demonstrar fraqueza diante daquele homem, ou talvez apenas porque não era da sua natureza não tentar – *qualquer coisa* –, ou simplesmente porque não tivesse pensado bem antes. De toda forma, ela se levantou, cambaleou e sentou-se novamente.

Mas não antes que um grito sufocado de dor escapasse de seus lábios.

George saiu da escada para o telhado em um segundo.

– Sua tola – murmurou ele, mas havia carinho em sua voz ou, pelo menos, mais carinho do que já demonstrara alguma vez. – Posso ver?

De má vontade, Billie estendeu o pé em sua direção. Ela já havia tirado o sapato.

George o tocou de forma clínica, envolvendo o calcanhar dela com uma das mãos enquanto testava a capacidade de movimento com a outra.

– Dói aqui? – perguntou ele, pressionando suavemente o lado externo do tornozelo dela.

Billie soltou um silvo de dor antes que pudesse se conter e assentiu.

Ele moveu a mão para outro ponto.

– Aqui?

Ela fez que sim novamente.

– Mas não tanto.

– E...

Billie sentiu uma físgada intensa correr pelo pé. Sem nem pensar, ela puxou o pé das mãos dele.

– Tomarei isso como um sim – disse George, franzindo a testa. – Mas não acho que esteja quebrado.

– É óbvio que não está quebrado – disparou ela.

O que era algo ridículo de se dizer, porque não havia nada de *óbvio* em relação a isso. Mas George Rokesby sempre provocava o que havia de pior nela, e não ajudava o fato de o pé dela estar doendo *muito*.

– Uma entorse – opinou George, ignorando a pequena explosão de raiva.

– Eu sei – rebateu ela com petulância.

De novo. Ela se odiava no momento.

Ele abriu um sorriso discreto.

– É claro que sabe.

Ela queria matá-lo.

– Vou descer primeiro – anunciou George. – Dessa forma, se você tropeçar, poderei impedir que caia.

Billie assentiu. Era um bom plano, o único, na verdade, e ela seria tola de discutir só por ter sido ideia dele. Embora esse tivesse sido, *sim*, seu impulso inicial.

– Pronta? – perguntou ele.

Ela fez que sim outra vez.

– Não está preocupado em ser derrubado da escada?

– Não.

Nenhuma explicação. Apenas não. Como se fosse absurdo até mesmo ponderar a respeito.

Ela levantou a cabeça bruscamente. Ele parecia tão sólido... E forte. E *confiável*. George sempre fora confiável, pensou Billie. Ela é que geralmente ficava ocupada demais irritando-se com ele para perceber isso.

Ele avançou com cuidado para a beirada do telhado, virando-se para colocar um dos pés no degrau mais alto da escada.

– Não se esqueça do gato – disse Billie.

– O gato – repetiu ele, lançando-lhe um olhar que dizia *Você só pode estar brincando*.

– Não vou abandoná-lo depois de tudo isso.

Com um ranger de dentes, George resmungou baixinho algo bastante desagradável e estendeu a mão para o gato.

Que o mordeu.

– *Sua praga dos...*

Billie recuou um pouco. George parecia pronto para arrancar a cabeça de alguém, e ela estava mais perto do que o bichano.

– Esse gato merece apodrecer no inferno – grunhiu George.

– Concordo – disse ela, rápido *demais*.

Ele piscou diante da aquiescência. Billie tentou sorrir, mas optou por dar de ombros. Tinha dois irmãos de sangue e mais três que podia considerar irmãos na família Rokesby. Quatro se incluísse George, mas não tinha muita certeza quanto a isso.

A questão era que ela entendia os homens, e sabia quando manter a boca fechada.

Além disso, já estava *farta* daquele bicho. Que nunca dissessem que Billie Bridgerton era sentimental. Tentara salvar o animal sarnento porque era a coisa certa a fazer, depois tentara salvá-lo novamente porque parecia um desperdício de seus esforços anteriores não tentar, mas agora...

Ela encarou o animal.

– Você está por sua conta.

– Vou na frente – falou George, seguindo para a escada. – Quero que você fique bem na minha frente o tempo todo. Dessa forma, se tropeçar...

– Caímos os dois?

– Eu a seguro – grunhiu ele.

Ela estava brincando, mas não pareceu a coisa mais sábia ressaltar isso.

George virou-se para descer, mas, quando se moveu para colocar o pé no topo da escada, o gato, que aparentemente não gostara de ser ignorado, soltou um guincho apavorante e passou entre as pernas dele. George oscilou para trás, girando os braços no ar.

Billie nem pensou. Não se preocupou com o pé, com o equilíbrio, com nada. Apenas se lançou para a frente e agarrou George, puxando-o de volta à segurança.

– A escada! – gritou ela.

Mas era tarde demais. Juntos, os dois viram a escada virar, girar, depois cair no chão, estranhamente com a graça de um passo de balé.

CAPÍTULO 2

Seria justo dizer que George Rokesby, o filho mais velho do conde de Manston e atualmente conhecido pelo mundo civilizado como o visconde de Kennard, era um cavalheiro sereno. Tinha modos calmos e firmes, uma mente implacavelmente lógica e uma maneira de estreitar os olhos que assegurava que seus pedidos fossem atendidos com grande eficiência, seus desejos concedidos com ansioso prazer, e – a parte mais importante – tudo isso de acordo com o momento que *ele* desejasse.

Também seria justo dizer que, se a Srta. Sybilla Bridgerton tivesse alguma ideia de quão próximo ele estava de esganá-la, ficaria muito mais assustada com ele do que com a escuridão que se aproximava.

– Mas que grande *azar* – disse ela, olhando para a escada.

George não falou nada. Achou melhor assim.

– Sei o que está pensando – continuou ela.

Ele abriu a boca o suficiente para dizer:

– Não tenho tanta certeza.

– Você está tentando decidir qual de nós dois prefere jogar do telhado: o gato ou eu.

Ela estava muito mais perto da verdade do que poderia ter imaginado.

– Eu só estava tentando ajudar – explicou-se ela.

– Eu sei – falou George em um tom próprio para *não* encorajar a continuidade da conversa.

Mas Billie continuou falando.

– Se eu não o tivesse agarrado, você teria caído.

– Eu *sei*.

Ela mordeu o lábio inferior e, por um instante abençoado, ele pensou que ela encerraria o assunto.

Então Billie disse:

– Foi seu pé, você sabe.

Ele moveu ligeiramente a cabeça. Apenas o suficiente para indicar que tinha ouvido.

– Perdão?

– Seu pé. – Ela apontou com a cabeça o membro em questão. – Ele esbarrou na escada.

George deixou de lado a ideia de ignorá-la.

– Você não está colocando a culpa disso em *mim*, não é mesmo? – disse ele, praticamente sibilando.

– Não, é claro que não – respondeu ela depressa, finalmente mostrando o mínimo senso de autopreservação. – Eu apenas quis dizer... Só que você...

Ele estreitou os olhos.

– Não importa – murmurou ela.

Então apoiou o queixo nos joelhos dobrados e olhou para o campo. Não que houvesse algo para ver. A única coisa que se movia era o vento, afirmando sua presença através do suave balançar das folhas nas árvores.

– Acho que temos mais uma hora até o sol se pôr – continuou ela. – Talvez duas.

– Não estaremos aqui quando escurecer – disse George.

Billie olhou para ele, depois para a escada. Então de novo para George com uma expressão que o fez querer abandoná-la em meio à notória escuridão.

Mas ele não fez isso. Porque em tese não podia. Vinte e sete anos eram tempo mais do que suficiente para que os princípios do cavalheirismo já estivessem incutidos em seu cérebro, e ele nunca poderia ser tão cruel com uma dama. Mesmo que a dama fosse *ela*.

– Andrew deve passar aqui em cerca de trinta minutos – informou ele.

– O quê? – perguntou Billie, primeiro soando aliviada, depois irritada ao prosseguir: – Por que não disse antes? Não acredito que me deixou pensar que ficaríamos presos aqui a noite toda.

Ele olhou para ela. Olhou para Billie Bridgerton, a perdição de sua existência desde o nascimento dela, vinte e três anos antes. Ela o encarava como se ele tivesse cometido uma afronta imperdoável, as bochechas vermelhas, os lábios franzidos como uma rosa furiosa.

Então, em um tom frio e imponente, ele disse:

– Passou-se apenas um minuto do momento em que a escada atingiu o chão até tais palavras deixarem meus lábios. Por favor, diga-me quando,

durante sua análise esclarecedora do movimento com que meu pé tocou a escada, eu deveria ter lhe dado a informação.

Os cantos da boca de Bille se moveram, mas não esboçaram exatamente um sorriso. Não indicavam nem um vestígio de sarcasmo. Se ela fosse outra pessoa, ele teria pensado que ficara constrangida. Mas aquela era Billie Bridgerton, e ela *não* ficava constrangida. Ela simplesmente fazia o que queria, sem se importar com as consequências. Tinha agido assim a vida inteira, geralmente arrastando metade do clã Rokesby com ela.

E, de alguma forma, todos *sempre* a perdoavam. Billie tinha essa coisa – não era exatamente charme, mas uma confiança louca e imprudente – que fazia as pessoas ficarem ao seu lado. A família dela, a família dele, todo o maldito vilarejo – todo mundo a adorava. Ela era dona de um sorriso largo e uma risada contagiante, e Deus do céu, como era possível que ele fosse a *única* pessoa na Inglaterra que parecia perceber o perigo que ela representava para a humanidade?

Aquele tornozelo torcido? Não era o primeiro. Ela também quebrara o braço, de modo impressionante. Billie tinha 8 anos, e caíra de um cavalo. Um animal mal treinado que ela não deveria sequer ter montado, muito menos ter tentado pular uma cerca com ele. O osso se recuperara perfeitamente – claro que sim, Billie sempre tivera uma sorte do diabo –, e em poucos meses ela já estava de volta aos velhos hábitos. Ninguém pensou em repreendê-la. Não quando ela montou com uma perna de cada lado do cavalo. Usando calça. Naquele mesmo maldito cavalo, pulando sobre a mesma maldita cerca. E, quando um dos irmãos mais novos dele seguiu o exemplo e deslocou o ombro...

Todos riram. Os pais dele – e os dela – balançaram a cabeça e riram, e nenhum deles achou prudente tirar Billie do cavalo, enfiá-la em um vestido ou, melhor ainda, mandá-la para uma dessas escolas para moças que ensinam bordado e bons modos.

O braço de Edward ficara pendurado. Pendurado!!! E o som que fizera quando o chefe de estábulo o colocara no lugar...

George estremeceu. Era o tipo de som que mais se sentia do que ouvia. Foi horrível.

– Está com frio? – perguntou Billie.

Ele fez que não com a cabeça. Embora ela provavelmente estivesse. O casaco dele era consideravelmente mais grosso do que o dela.

– Você está?

– Não.

Ele observou-a atentamente. Ela era do tipo que tentaria resistir e se recusaria a permitir que ele se comportasse como cabia a um cavalheiro.

– E me diria se estivesse?

Ela levantou a mão como se para garantir que dizia a verdade.

– Eu juro.

Isso bastava para ele. Billie não mentia nem quebrava promessas.

– Andrew estava no vilarejo com você? – perguntou ela, estreitando os olhos em direção ao horizonte.

George assentiu.

– Tínhamos negócios a tratar com o ferreiro. Ele parou para falar com o vigário depois. Eu não quis esperar.

– É claro que não – murmurou ela.

Ele virou a cabeça para ela.

– O que você quis dizer?

Os lábios dela se entreabriram, então pairaram por um instante em um delicado formato oval antes de ela dizer:

– Na verdade, não sei.

Ele franziu a testa para ela, então voltou sua atenção para o telhado, ainda que não houvesse qualquer maldita coisa que pudesse fazer no momento. Mas não era da sua natureza sentar e esperar. Pelo menos ele poderia examinar o dilema, reavaliar e...

– Não há nada a fazer – disse Billie despreocupadamente. – Não sem a escada.

– Estou ciente – disparou ele.

– Você estava olhando em volta – rebateu ela, dando de ombros –, como se...

– Eu *sei* o que eu estava fazendo – replicou ele.

Ela pressionou os lábios em perfeita consonância com o movimento das sobrancelhas, que se ergueram daquele jeito Bridgerton irritante, como se dissesse: “*Vá em frente, pense quanto quiser. Sei que não vai adiantar.*”

Ficaram em silêncio por um momento e então, com uma voz mais baixa do que a de costume, Billie perguntou:

– Tem certeza de que Andrew passará por aqui?

George assentiu. Ele e o irmão tinham caminhado de Crake House até o vilarejo – não era sua forma de deslocamento usual, mas Andrew, que re-

centemente fora promovido a tenente da Marinha Real Britânica, quebrara o braço em alguma tola proeza na costa de Portugal e tinha sido mandado para se recuperar em casa. Andar era mais fácil do que cavalgar para ele no momento, e o clima do dia tinha sido excepcionalmente bom para março.

– Ele está a pé – explicou George. – Como viria se não fosse por aqui?

Havia muitas trilhas na área, mas nenhuma que não acrescentasse no mínimo um quilômetro e meio no caminho até sua casa.

Billie inclinou a cabeça de lado, olhando para o campo.

– A menos que alguém tenha lhe dado uma carona.

Ele virou lentamente em direção a ela, perplexo com a total falta de... *qualquer coisa* em seu tom. Não havia nada que indicasse uma discussão, nenhum traço de superioridade, nem mesmo algo que lembrasse preocupação. Apenas a bizarra constatação: *Hum, eis aqui uma coisa desastrosa que pode ter acontecido.*

– Bem, é possível – continuou ela, dando de ombros. – Todo mundo gosta de Andrew.

Andrew tinha o charme tranquilo e despreocupado que encantava a todos, do vigário do vilarejo às garçonetes da taberna, isso era verdade. Se alguém fosse fazer o mesmo caminho, com certeza lhe ofereceria carona.

– Ele vem andando – disse George com firmeza. – Precisa se exercitar.

O rosto de Billie assumiu uma expressão incerta.

– Andrew?

George deu de ombros, sem querer admitir derrota, embora Andrew sempre tivesse sido um grande atleta.

– Ele vai preferir o ar fresco. Passou a semana toda subindo pelas paredes de tédio. Mamãe tem tentado mantê-lo à base de sopas e repouso.

– Por causa de um braço quebrado? – perguntou Billie, bufando e depois dando uma risadinha.

George olhou para ela de esguelha.

– Divertindo-se com a infelicidade dos outros?

– Sempre.

Ele sorriu mesmo a contragosto. Era difícil se ofender quando ele mesmo passara a última semana divertindo-se com – não, encorajando – a frustração do irmão mais novo.

Billie mudou de posição com cautela, dobrando as pernas para poder descansar o queixo nos joelhos.

– Cuidado com o pé – disse George, quase distraidamente.

Ela assentiu, e juntos ficaram em silêncio. George olhava para a frente, mas podia sentir cada movimento de Billie ao seu lado. Ela tirou um fio de cabelo que caía sobre os olhos e esticou um braço à frente, o cotovelo rangendo como uma velha cadeira de madeira. Então, com a tenacidade que exibia em todos os aspectos de sua vida, retomou a conversa:

– Ainda assim, ele pode ter aceitado uma carona.

Ele quase sorriu.

– Pode.

Ela ficou quieta por mais alguns segundos, então falou:

– Não parece que vai chover.

Ele olhou para o céu. Estava nublado, mas nem tanto. As nuvens estavam claras demais para conter muita água.

– E com certeza sentirão nossa falta.

Ele se permitiu um sorriso cínico.

– A minha, pelo menos.

Ela lhe acertou com o cotovelo. Com força. O suficiente para fazê-lo rir.

– Você é uma pessoa terrível, George Rokesby.

Mas Billie sorriu ao dizer isso.

Ele riu novamente, surpreso com a sensação boa e leve em seu peito. Não tinha certeza se ele e Billie podiam se considerar amigos um do outro – haviam se desentendido vezes demais para tanto –, mas tinham alguma intimidade. Isso nem sempre fora uma coisa boa, mas naquele momento...

Era.

– Bem – anunciou ela –, suponho que não haja ninguém mais com quem eu preferisse estar presa em um telhado.

Ele virou a cabeça em direção a ela.

– Ora, ora, Srta. Bridgerton, isso foi um elogio?

– Não ficou claro?

– Vindo de você? – rebateu ele.

Ela sorriu de lado, carinhosamente.

– Suponho que eu mereça isso. Mas, sabe, você é muito confiável.

– Confiável – repetiu ele.

Ela assentiu.

– Muito.

George sentiu ter franzido a testa, embora, por tudo que havia de mais sagrado, não soubesse direito o motivo.

– Se eu não tivesse machucado o tornozelo – continuou Billie descontraidamente –, tenho certeza de que teria encontrado uma forma de descer.

Ele a encarou com claro ceticismo. E também avaliou que isso não tinha nada a ver com sua confiabilidade...

– Você não disse que era alto demais para pular?

– Bem, sim – concordou ela, acenando a mão em frente ao rosto como quem não dá muita importância –, mas eu teria pensado em algo.

– É claro – retrucou ele, principalmente porque lhe faltava energia para falar qualquer outra coisa.

– A questão é que, desde que eu esteja aqui com *você*...

O rosto dela ficou pálido de repente. Até mesmo os olhos, normalmente de uma tonalidade insondável de castanho, pareceram ficar um pouco menos vívidos.

O coração de George parou. Nunca, *jamaiz* em sua vida, tinha visto Billie Bridgerton com aquela expressão no rosto.

Ela estava apavorada.

– O que foi? – perguntou ele.

Ela virou em sua direção.

– Você não acha...

Ele esperou, mas ela parecia não saber o que dizer.

– *O quê?*

O rosto pálido dela adquiriu um tom esverdeado.

– Não acha que alguém pode pensar que você... Que nós... – Billie engoliu em seco e então continuou: – Que nós desaparecemos... *juntos?*

O mundo inteiro de George deu uma guinada.

– *Meu Deus*, não! – disse ele, imediatamente.

– Eu sei – concordou ela com igual diligência. – Quero dizer, você. E eu. É ridículo.

– Absurdo.

– Qualquer um que nos conheça...

– Saberá que nós nunca...

– Mas mesmo assim...

Desta vez, não só Billie parou de falar; suas palavras perderam a força e transformaram-se em um sussurro desesperado.

Ele lançou a ela um olhar impaciente.

– O quê?

– Se Andrew não aparecer como esperamos... E se derem pela sua falta... E pela minha... – Ela o encarou, os olhos arregalados e horrorizados. – Uma hora, alguém vai perceber que nós dois sumimos.

– E com isso você quer dizer... ? – disparou ele.

Ela se virou para encará-lo.

– Por que alguém não presumiria...?

– Qualquer pessoa que tenha cérebro não presumiria – rebateu ele. – Ninguém jamais pensaria que eu estaria com você *de propósito*.

Ela se afastou.

– Ah, bem, *muito obrigada*.

– Está dizendo que gostaria que alguém *pensasse* isso? – retrucou ele.

– Não!

Ele revirou os olhos. *Mulheres*. E, no entanto, aquela era Billie. A mulher menos feminina que conhecia.

Ela soltou o ar longamente para se acalmar.

– Independentemente do que pensa de mim, *George*...

Como ela conseguia fazer seu nome soar como um insulto?

– ... tenho minha reputação a zelar. E, embora minha família me conheça bem o bastante, e... – sua voz assumiu um tom hesitante – ... e embora eu possa dizer que confio em *você* o suficiente para saber que nossos desaparecimentos simultâneos não significam nada de impróprio...

Suas palavras foram se perdendo e Billie mordeu o lábio, parecendo desconfortável e ligeiramente enjoada, para falar a verdade.

– O restante do mundo pode não ser tão gentil – concluiu ele por ela.

Billie olhou para George por um instante e disse:

– Exatamente.

– Se não formos encontrados até amanhã de manhã... – falou George, principalmente para si mesmo.

Billie concluiu a temível frase:

– Você terá que se casar comigo.

CONHEÇA OUTRO TÍTULO DA AUTORA

Mais lindo que a lua

Foi amor à primeira vista. Mas Victoria Lyndon era a filha do vigário, e Robert Kemble, o elegante conde de Macclesfield. Foi o que bastou para os pais dos dois serem contra a união. Assim, quando o plano de fuga dos jovens deu errado, todos acreditaram que foi melhor assim.

Sete anos depois, quando Robert encontra Victoria por acaso, não consegue acreditar no que acontece: a garota que um dia destruiu seus sonhos ainda o deixa sem fôlego. E Victoria também logo vê que continua impossível resistir aos encantos dele. Mas como ela poderia dar uma segunda chance ao homem que lhe prometeu casamento e depois despedaçou suas esperanças?

Então, quando Robert lhe oferece um emprego um tanto incomum – ser sua amante –, Victoria não aceita, incapaz de sacrificar a dignidade, mesmo por ele. Mas Robert promete que Victoria será dele, não importa o que tenha que fazer. Depois de tantas mágoas, será que esses dois corações maltratados algum dia serão capazes de perdoar e permitir que o amor cure suas feridas?

Mais lindo que a lua, primeiro livro da série Irmãs Lyndon, é uma história irresistível sobre reencontros e desafios, romantismo e perseverança.

CONHEÇA OS LIVROS DE JULIA QUINN

OS BRIDGERTONS

O duque e eu

O visconde que me amava

Um perfeito cavalheiro

Os segredos de Colin Bridgerton

Para Sir Phillip, com amor

O conde enfeitado

Um beijo inesquecível

A caminho do altar

E viveram felizes para sempre

QUARTETO SMYTHE-SMITH

Simplesmente o paraíso

Uma noite como esta

A soma de todos os beijos

Os mistérios de sir Richard

AGENTES DA COROA

Como agarrar uma herdeira

Como se casar com um marquês

IRMÃS LYNDON

Mais lindo que a lua

Mais forte que o sol

OS ROKESBYS

Uma dama fora dos padrões

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

